



**VLADÍMIR ILITCH LÊNIN**

**O DESENVOLVIMENTO DO  
CAPITALISMO NA RÚSSIA**

**O PROCESSO DE FORMAÇÃO DO MERCADO  
INTERNO PARA A GRANDE INDÚSTRIA**

TRADUÇÃO: PAULA VAZ DE ALMEIDA

APRESENTAÇÃO: JOSÉ PAULO NETTO



© Boitempo, 2024

Traduzido do original constante de Lênin, *Полное собрание сочинений* [Obras completas], v. III: *Развитие капитализма в России* [O desenvolvimento do capitalismo na Rússia]. (5. ed., Moscou, Literatura Política, 1971).

Título original: Развитие капитализма в России: Процесс образования внутреннего рынка для крупной промышленности/Razvitiye kapitalizma v Rossii: Process obrazovaniya vnutrennego rynka dlja krupnoj promyshlennosti

*Direção-geral* Ivana Jinkings

*Conselho editorial* Antonio Carlos Mazzeo, Antonio Rago, Fábio Palácio, Ivana Jinkings, Marcos Del Roio, Marly Vianna, Milton Pinheiro, Slavoj Žižek

*Edição* Frank de Oliveira e Thais Rimkus

*Coordenação de produção* Livia Campos

*Assistência editorial* Marcela Sayuri

*Tradução* Paula Vaz de Almeida

*Preparação* Mariana Echalar

*Revisão* Clara Altenfelder e Silvia Balderama Nara

*Capa* Maikon Nery

*Diagramação* Antonio Kehl

*Equipe de apoio* Ana Slade, Artur Renzo, Davi Oliveira, Elaine Ramos, Frederico Indiani, Higor Alves, Isabella Meucci, Isabella Teixeira, Ivam Oliveira, Kim Doria, Letícia Akutsu, Luciana Capelli, Marina Valeriano, Marissol Robles, Mateus Rodrigues, Maurício Barbosa, Pedro Davoglio, Raí Alves, Renata Carnajal, Tulio Candiott

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L585d

Lênin, Vladimir Ilitch, 1870-1924

O desenvolvimento do capitalismo na Rússia : o processo de formação do mercado interno para a grande indústria / Vladimir Ilitch Lênin ; tradução Paula Vaz de Almeida. - 1. ed. - São Paulo : Boitempo, 2024.

624 p. ; 23 cm. (Arsenal Lênin)

Tradução de: Развитие капитализма в России : Процесс образования внутреннего рынка для крупной промышленности

ISBN 978-65-5717-330-5

1. Capitalismo - História. 2. Rússia - Condições econômicas. 3. Desenvolvimento econômico - Rússia. I. Almeida, Paula Vaz de. II. Título. III. Série.

CDD: 330.947

23-87296

CDU: 338(470+571)



Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

É vedada a reprodução de qualquer parte deste livro sem a expressa autorização da editora.

Esta edição contou com o apoio da Fundação Maurício Grabois.

1ª edição: janeiro de 2024

BOITEMPO

Jinkings Editores Associados Ltda.

Rua Pereira Leite, 373

05442-000 São Paulo SP

Tel.: (11) 3875-7250 / 3875-7285

editor@boitempoeditorial.com.br

boitempoeditorial.com.br | blogdaboitempo.com.br

facebook.com/boitempo | twitter.com/editoraboitempo

youtube.com/tvboitempo | instagram.com/boitempo

# SUMÁRIO

NOTA DA EDIÇÃO, 9

APRESENTAÇÃO – *José Paulo Netto*, 11

Europa e Rússia, 1890-1900: a questão agrária na ordem do dia, 14

O populismo russo e a sua crítica por Lênin, 19

A estrutura textual do *Desenvolvimento*, 27

O *Desenvolvimento*, uma obra clássica, 32

PREFÁCIO À PRIMEIRA EDIÇÃO, 35

PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO, 40

CAPÍTULO I. OS ERROS TEÓRICOS DOS ECONOMISTAS POPULISTAS, 45

1. Divisão social do trabalho, 45

2. O crescimento da população industrial em relação à agrícola, 48

3. A ruína dos pequenos produtores, 49

4. A teoria populista da impossibilidade de realizar o mais-valor, 51

5. Concepções de A. Smith sobre a produção e a circulação de todo o produto social na sociedade capitalista e a crítica de Marx a essas concepções, 55

6. A teoria da realização de Marx, 59

7. A teoria do rendimento nacional, 66

8. Por que o mercado externo é necessário a uma nação capitalista?, 72

9. Conclusões do capítulo I, 74

CAPÍTULO II. A DECOMPOSIÇÃO DO CAMPESINATO, 77

1. Dados estatísticos do *zemstvo* da Nova Rússia, 77

2. Dados estatísticos do *zemstvo* da província de Samara, 93

3. Dados estatísticos do *zemstvo* da província de Sarátov, 101

4. Dados estatísticos do *zemstvo* da província de Perm, 115

5. Dados estatísticos do *zemstvo* da província de Oriol, 123

6. Dados estatísticos do *zemstvo* da província de Vorónej, 126

7. Dados estatísticos do *zemstvo* da província de Nijni Nóvgorod, 130
8. Exame dos dados estatísticos do *zemstvo* de outras províncias, 133
9. Resumo dos dados estatísticos dos *zemstvos* sobre a decomposição do campesinato, 139
10. Dados totais das estatísticas dos *zemstvos* e do censo dos cavalos militares, 152
11. Comparação dos censos dos cavalos militares de 1888-1891 e 1896-1900, 157
12. Dados estatísticos dos *zemstvos* sobre os orçamentos camponeses, 159
13. Conclusões do capítulo II, 185

### CAPÍTULO III. A PASSAGEM DA AGRICULTURA BASEADA NA CORVEIA PARA A CAPITALISTA, 201

1. Traços fundamentais da economia de corveia, 201
2. União do sistema de corveia com o sistema de economia capitalista, 203
3. Caracterização do sistema de pagamento em trabalho, 208
4. A queda do sistema de pagamento em trabalho, 216
5. A abordagem populista da questão, 222
6. História da propriedade agrícola de Engelhardt, 227
7. O emprego de máquinas na agricultura, 232
8. O significado das máquinas na agricultura, 241
9. O trabalho assalariado na agricultura, 250
10. O significado do trabalho livre assalariado na agricultura, 255

### CAPÍTULO IV. O CRESCIMENTO DA AGRICULTURA MERCANTIL, 265

1. Dados gerais sobre a produção agrícola na Rússia pós-reforma e sobre os tipos de agricultura mercantil, 265
2. A região da economia cerealista mercantil, 270
3. A região de pecuária comercial. Dados gerais sobre o desenvolvimento da economia leiteira, 275
4. Continuação. Economia da propriedade agrícola latifundiária na região descrita, 281
5. Continuação. Decomposição do campesinato na região de economia leiteira, 288
6. Região de cultivo do linho, 295
7. Processamento técnico dos produtos agrícolas, 300
8. A horticultura e a fruticultura industriais. A economia dos subúrbios, 317
9. Conclusões sobre o significado do capitalismo na agricultura russa, 324

10. Teorias populistas sobre o capitalismo na agricultura.

A “desocupação hiberna”, 331

11. Continuação. – Comunidade. – Visão de Marx sobre a pequena agricultura. Opinião de Engels sobre a crise agrícola contemporânea, 336

#### CAPÍTULO V. PRIMEIROS ESTÁGIOS DO CAPITALISMO NA INDÚSTRIA, 345

1. A indústria domiciliar e os ofícios artesanais, 345

2. Os pequenos produtores de mercadorias na indústria.

O espírito de oficina das pequenas indústrias, 348

3. O crescimento dos pequenos industriais depois da reforma.

As duas formas desse processo e seu significado, 351

4. A decomposição dos pequenos produtores de mercadorias. Dados dos censos domiciliares sobre a indústria artesanal na província de Moscou, 357

5. A cooperação capitalista simples, 368

6. O capital mercantil nas pequenas indústrias, 372

7. “Indústria e agricultura”, 381

8. “A união da indústria e da agricultura”, 390

9. Algumas observações sobre a economia pré-capitalista de nossas aldeias, 392

#### CAPÍTULO VI. MANUFATURA CAPITALISTA E TRABALHO CAPITALISTA EM DOMICÍLIO, 397

1. A formação da manufatura e seus traços fundamentais, 397

2. A manufatura capitalista na indústria russa, 399

3. A técnica na manufatura. A divisão do trabalho e seu significado, 440

4. A divisão territorial do trabalho e a separação entre agricultura e indústria, 443

5. A estrutura econômica da manufatura, 447

6. O capital mercantil e industrial na manufatura. O “comprador” e o “fabricante”, 451

7. O trabalho capitalista em domicílio como apêndice da manufatura, 454

8. O que é a indústria artesanal?, 460

#### CAPÍTULO VII. O DESENVOLVIMENTO DA GRANDE INDÚSTRIA MECANIZADA, 465

1. O conceito científico de fábrica e o significado da estatística “fabril”, 465

2. Nossa estatística fabril, 467

3. Análise dos dados histórico-estatísticos sobre o desenvolvimento da grande indústria, 479

4. O desenvolvimento da indústria mineira, 495

5. O número de trabalhadores nas grandes empresas capitalistas está aumentando?, 505
6. Estatística de motores a vapor, 516
7. Crescimento das grandes fábricas, 518
8. Distribuição da grande indústria, 524
9. Desenvolvimento da indústria madeireira e da indústria de construção, 531
10. Apêndice da fábrica, 540
11. A completa separação da indústria e da agricultura, 542
12. Os três estágios de desenvolvimento do capitalismo na indústria russa, 547

#### CAPÍTULO VIII. A FORMAÇÃO DO MERCADO INTERNO, 557

1. O crescimento da circulação mercantil, 557
2. O crescimento da população comercial-industrial, 562
3. O crescimento do uso do trabalho assalariado, 583
4. A formação do mercado interno para a força de trabalho, 588
5. O significado das regiões periféricas. Mercado interno ou externo?, 593
6. A missão do capitalismo, 597

ANEXOS, 603

CRONOLOGIA, 617

## NOTA DA EDIÇÃO

Sétimo volume da coleção Arsenal Lênin, *O desenvolvimento do capitalismo na Rússia* foi escrito entre 1896 e 1899, período em que seu autor esteve preso em São Petersburgo e, depois, exilado em Chúchenskoie, na Sibéria – por conta de seu envolvimento com a Liga de Luta pela Emancipação da Classe Operária, por ele liderada. Em sua primeira carta enviada do cárcere já é possível notar suas intenções e progressos: “Tenho, desde minha prisão, um projeto que me ocupa muito, e quanto mais o tempo passa, mais ele se torna importante para mim. Há muito, venho estudando uma questão econômica (a distribuição dos produtos da indústria transformadora no mercado interno), coletei alguma documentação, fiz um plano de estudo sobre o assunto e até redigi alguns trechos”. No mesmo documento encontra-se também, além de uma lista de materiais a serem empregados na concepção do trabalho, um plano de estruturá-lo em duas partes: uma primeira, de cunho teórico, e uma segunda, na qual as premissas teóricas seriam aplicadas à realidade concreta da Rússia.

Durante aproximadamente três anos Lênin realizou pesquisas extensivas, consultando mais de 500 títulos, e contou com a ajuda de inúmeros camaradas e familiares para obter os livros, relatórios e outras publicações de que necessitava para escrever esta obra.

Publicada pela primeira vez em 1899, assinada com o pseudônimo Vladimir Ilyin, a edição esgotou-se rapidamente, vindo a ter uma segunda apenas em 1908. Com o passar dos anos, no entanto, o livro foi alçado a clássico do pensamento econômico e social, tendo sido traduzido ao alemão, ao chinês, ao espanhol, ao francês, ao húngaro, ao inglês, ao japonês, ao tcheco, ao turco e a incontáveis outras línguas. Hoje, no mundo todo, esta

obra frequente prateleiras de livrarias e coleções lado a lado com expoentes da história do pensamento econômico burguês.

E é esse estudo, um dos mais significativos e alentados da produção leniniana, ainda indispensável 125 anos depois de lançado, que a Boitempo orgulhosamente oferece aos leitores, em tradução minuciosa, realizada diretamente do russo pela primeira vez para a língua portuguesa, no centenário de morte do líder soviético. Um esforço de vulto para preservar o estilo e a exatidão do precoce talento de um gênio que ainda não chegara aos trinta anos ao escrevê-lo.

As notas numeradas são de Lênin. As notas com chamada por asterisco são da tradução brasileira (N. T.), da edição brasileira (N. E.) e da edição russa (N. E. R.). Há indicação sempre que foi necessário adaptar as notas da edição russa. Quando foi possível, substituímos as edições citadas em línguas estrangeiras por referências em português. Os títulos de publicações em russo vão acompanhados, na primeira ocorrência, de traduções entre colchetes.

A editora agradece a todos os que contribuíram para tornar esta edição possível: Antonio Carlos Mazzeo, Antonio Rago, Fábio Palácio, Marcos Del Roio, Marly Vianna, Milton Pinheiro, Slavoj Žižek, membros do conselho editorial da coleção; Paula Vaz de Almeida, tradutora; Mariana Echalar, preparadora; Clara Altenfelder e Silvia Balderama Nara, revisoras; Maikon Nery, capista; Antonio Kehl, diagramador; José Paulo Netto, autor da apresentação; e Anderson Deo, autor do texto de orelha.

# APRESENTAÇÃO

*José Paulo Netto*

Há que saudar esta que é a primeira edição em português traduzida diretamente do original russo de uma das peças fundamentais do imenso espólio textual de Vladímir I. Lênin – *O desenvolvimento do capitalismo na Rússia: o processo de formação do mercado interno para a grande indústria*<sup>1</sup>. Com ela, muito ganham os estudiosos interessados pela *questão agrária* (e, fique bem claro, não só por esta), sejam marxistas ou não – acadêmicos, intelectuais progressistas e militantes da causa socialista.

Concebida pelo autor já quando da sua prisão em São Petersburgo (dezembro de 1895), esta obra foi elaborada durante o período em que Lênin viveu o desterro a que foi condenado em Chúchenskoie (8/5/1897-29/1/1900)<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Uma primeira edição desta obra em nosso idioma foi lançada há quatro décadas (São Paulo, Abril Cultural, 1982, coleção Os Economistas) e teve várias reimpressões; tal edição, traduzida por mim a partir do inglês e do francês, foi então revista – em cotejo com o original russo – pelo professor Paulo Bezerra. Em várias das notas bibliográficas que arrolarei a seguir (em especial nas notas 2 e 3), o leitor encontrará materiais pertinentes a *O desenvolvimento do capitalismo na Rússia: o processo de formação do mercado para a grande indústria*. Mas desde já assinalo a singular relevância de antigo texto sobre este trabalho de Lênin: o ensaio do grande marxista inglês Maurice Dobb (1900-1976), “*Considérations sur Le Développement du capitalisme en Russie de Lénine*”, em Maurice Dobb et al., *Histoire du marxisme contemporain*, v. 4: *Lénine* (Paris, UGE/Ed. 10/18, 1978).

<sup>2</sup> Na Sibéria, Lênin não se ocupou somente do *Desenvolvimento*: ampliou seus conhecimentos idiomáticos (inclusive traduzindo, com a companheira Nadejda Krúpskaia, que esteve com ele durante parte de seu tempo no desterro, a obra do casal Sidney e Beatrice Webb, *The History of Trade Unionism*, Nova York, Longmans, Green and Co., 1920) e leu muito de literatura social e política – e ainda redigiu cerca de três dezenas de artigos teórico-políticos. Sabe-se, ademais, que o trabalho intelectual de Lênin não se mostrou prolífico apenas durante o período de seu desterro – mesmo biógrafos pouco simpáticos a ele reconhecem que sua atividade como teórico e publicista, ao longo da vida, foi realmente espantosa; um deles observou que pesquisas chegaram a registrar um total de 30.820 textos autógrafos de Lênin.

Sobre a biografia de Lênin e em particular as condições de sua vida no desterro siberiano, autores estranhos ao marxismo chegaram a escrever páginas minimamente sérias, embora muito discutíveis – ver, por exemplo, Louis Fischer, *A vida de Lénin*, v. 1 (trad. Pedro Ferraz e Maurício Quadros, Rio

Concluída nessa aldeia da Sibéria oriental em janeiro de 1899, saiu à luz em seguida (março daquele ano) numa edição de 2.400 exemplares, com o nome do autor dissimulado sob a firma Vladímir Ilin<sup>3</sup>. Ainda em vida de Lênin, a obra conheceu uma segunda edição em 1908, com um novo prefácio e várias alterações<sup>4</sup>.

Sabe-se que, no espólio textual de Lênin, trabalhos voltados para o tratamento de questões e problemas econômicos (ou, mais largamente, escritos de natureza histórico-econômica) têm ponderação teórica e ideopolítica

de Janeiro, Civilização Brasileira, 1964), p. 44-9, e Adam B. Ulam, *Os bolcheviques: história política, intelectual e biográfica da Revolução Russa e de seus líderes* (Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1976), p. 151-61; após a dissolução da União Soviética e com a intensa degradação do nível da batalha das ideias, ganhou espaço um “biografismo revisionista” relativamente a Lênin, com destaque para uma bibliografia com nenhuns ou reduzidíssimos compromissos com a verdade histórica, seara em que mourejam ex-servidores do velho Estado soviético e anticomunistas profissionais, de que é canônico o premiadíssimo ensaio de Stéphane Courtois, *Lénine, l'inventeur du totalitarisme* (Paris, Perrin, 2017). Assim, as hagiografias apresentadas como biografias de Lênin, divulgadas pelos/nos círculos comunistas até meados dos anos 1970, viram-se substituídas por copiosas estrumeiras ideológicas.

<sup>3</sup> Nesta “Apresentação”, em que retomo passos daquela com que abri a edição da obra leniniana supracitada (nota 1), apenas tangenciarei uns poucos elementos biográficos de Lênin, uma vez que há incontáveis estudos de sua vida e de sua obra. Entre tais estudos, aliás muito diferenciados, destaco: Leon Trótski, *The Young Lenin* (Nova York, Doubleday & Co., 1972); Isaac Deutscher, *Lenin: los años de formación* (México, Era, 1975); Luiz Alberto Moniz Bandeira, *Lênin: vida e obra* (Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978); Luciano Gruppi, *O pensamento de Lénin* (trad. Nelson Coutinho, Rio de Janeiro, Graal, 1979); Roger Garaudy, *Lénine* (Paris, PUF, 1969); Instituto de Marxismo-Leninismo, *Lénine: biografia* (trad. José Oliveira e António Pescada, Moscou/Lisboa, Progresso/Avante!, 1984); Kevin B. Anderson, *Lenin, Hegel and Western Marxism: A Critical Study* (Illinois, University of Illinois Press, 1995); John Gooding, *Socialism in Russia: Lenin and His Legacy (1890-1991)* (Nova York, Palgrave Macmillan, 2002); Christopher Read, *Lenin: A Revolutionary Life* (Abingdon-on-Thames/Oxfordshire, Routledge, 2005); Lars T. Lih, *Lenin Rediscovered: What Is to Be Done?* (Chicago, Haymarket, 2008) e *Lénine: une biographie* (Paris, Les Prairies Ordinaires, 2015); György Lukács, *Lênin: um estudo sobre a unidade de seu pensamento* (trad. Rubens Enderle, São Paulo, Boitempo, 2012); *Actuel Marx: Lénine*, Paris, PUF, n. 62, 2017; Tamás Krausz, *Reconstruindo Lénin: uma biografia intelectual* (trad. Artur Renzo e José Baltazar Pereira Júnior, São Paulo, Boitempo, 2017); Jean-Jacques Marie, *Lénine: la révolution permanente* (Paris, Tallandier, 2018); Henri Lefebvre, *O pensamento de Lénin* (trad. Bruno Santana e Gabriel Landi Fazzio, São Paulo, LavraPalavra, 2020); G. Carpi, *Lenin, v. I: La formazione di un rivoluzionario (1870-1904) e Lenin, v. II: Verso da rivoluzione d'ottobre (1905-1917)* (Bari, Stilo, 2020-2021).

<sup>4</sup> Nessa segunda edição, além da correção de gralhas existentes na edição anterior e da substituição de expressões destinadas a burlar a censura vigente sob a autocracia tsarista, Lênin introduziu novos dados estatísticos e fez acrescentos aos capítulos II e VII. No novo prefácio (datado de julho de 1907, portanto no rescaldo da Revolução Russa de 1905-1907), o autor observou que uma reelaboração profunda do texto exigiria seu desdobramento em dois volumes: no primeiro, deveria caber uma análise da economia russa do período entre a reforma de 1861 e a revolução de 1905-1907; no segundo, um estudo das modificações sofridas por essa economia em consequência do movimento de 1905-1907.

muito significativa<sup>5</sup>. Porém, este *O desenvolvimento do capitalismo na Rússia: o processo de formação de um mercado interno para a grande indústria* (daqui por diante referido abreviadamente como *Desenvolvimento*) apresenta-se como particularmente importante na medida em que, vindo à luz pouquíssimo depois de *A questão agrária*, de Karl Kautsky, inaugura com essa obra o trato teórico pós-marxiano da problemática do campesinato e da economia agrária, analisando sistematicamente o dinamismo que o capitalismo instaura na agricultura<sup>6</sup>. De fato, como pôde observar Antonio Labriola àquele tempo, a *questão agrária* entrou “na ordem do dia” dos debates socialistas.

<sup>5</sup> São inúmeras as antologias que coligem tais trabalhos – para aqueles datados do século XIX, ver especialmente Vladimir I. Lênin, *Escritos económicos (1893-1899)* (Madri, Siglo XXI, 1974), 3 v., editados por Fernando Claudín. Também há farto tratamento desses escritos – um, específico e recente, deve-se a Fernando D. Dachevsky, “Lenin y la especificidad nacional en el capitalismo. Análisis de sus escritos económicos sobre Rusia”, *Izquierdas*, n. 46, 2019, p. 162-93. Considerem-se igualmente as sintéticas apreciações de Paul Boccarda, “Lénine, un grand théoricien marxiste”, *Les Dossiers d'Économie et Politique: Revue Marxiste d'Économie*, set.-out. 2017, e do economista indiano Prabhat Patnaik, “Lénine et l'économie marxiste”, *Solidarité Internationale PCF*, 19 ago. 2009, disponível em: <<http://solidarite-internationale-pcf.over-blog.net/article-35042871.html>>; acesso em: 9 out. 2023.

<sup>6</sup> Ver, dentre várias edições, Karl Kautsky, *A questão agrária* (trad. Otto Erich Walter Maas, São Paulo, Abril Cultural, 1983, coleção Os Economistas). Note-se que essa pesquisa de Kautsky, assim como o *Desenvolvimento* de Lênin, dava prosseguimento mais avançado às poucas elaborações anteriores operadas no interior do movimento socialista – ver Athar Hussain & Keith Tribe (orgs.), *Marxism and the Agrarian Question* (Londres, Macmillan, 1983); András Hegedüs, “A questão agrária”, em Eric J. Hobsbawm (org.), *História do marxismo*, v. 4: *O marxismo na época da Segunda Internacional* (trad. Carlos Nelson Coutinho e Nemesio Salles, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984) e ainda a contribuição de James D. White, “The Development of Capitalism in Russia in the Works of Marx, Danielson, Vorontsov and Lenin”, em Paul Zarembka (org.), *Class History and Class Practices in the Periphery of Capitalism* (Bingley, Emerald, 2019).

No prefácio à primeira edição do *Desenvolvimento*, verifica-se que Lênin saudou com ênfase a referida obra de Kautsky, também publicada em 1899 e que ele provavelmente conheceu em finais de fevereiro ou inícios de março daquele ano, quando a maior parte de seu livro já estava composta. À época, Lênin apreciava muito positivamente o protagonismo do mais influente teórico da Segunda Internacional – é no decurso dos anos 1910 que profundas divergências ideológicas, evidenciadas especialmente na imediata sequência da Revolução Russa de 1917, levaram Lênin a caracterizar Kautsky como “renegado”; ver Karl Kautsky e Vladimir I. Lênin, *A ditadura do proletariado/A revolução proletária e o renegado Kautsky* (São Paulo, Lech, 1979).

Não cabe aqui a tematização dessa relevante polémica da história do movimento socialista, aliás objeto de larga bibliografia; indique-se apenas que há elementos substantivos para abordá-la em Gian Enrico Rusconi, “Contro Kautsky, contro Lenin”, em Karl Korsch, *Il materialismo storico* (Bari, Laterza, 1971); Richard J. Geary, “Défense et déformation du marxisme chez Kautsky”, em Maurice Dobb et al., *Histoire du marxisme contemporain*, v. 1: *Kautsky, Bernstein, Schmidt* (Paris, UGE/Ed. 10/18, 1976); Fernando Claudín, “Democracy and Dictatorship in Lenin and Kautsky”, *New Left Review*, v. 1,

## EUROPA E RÚSSIA, 1890-1900: A QUESTÃO AGRÁRIA NA ORDEM DO DIA

Em textos de análise histórico-política de Marx e Engels, a questão das lutas sociais no campo e sua conexão com aquelas polarizadas pelas cidades é tematizada, assim como em passos de suas intervenções jornalísticas dos anos 1848-1849<sup>7</sup>. Todavia, salvo juízo mais exato, os registros de materiais teóricos marxiano-engelsianos pertinentes à questão agrária não foram muitos – à exceção, em Marx, das notas relativas à acumulação primitiva, das essenciais determinações acerca da renda fundiária e das pistas contidas em seus textos mais tardios e, em Engels, da original abordagem da questão da *marca*<sup>8</sup>.

n. 106, 1977; John H. Kautsky, *Karl Kautsky: Marxism, Revolution and Democracy* (New Brunswick, Transaction, 1994); Ruy Fausto, “A polêmica sobre o poder bolchevista: Kautsky, Lenin, Trotsky”, *Lua Nova*, n. 53, 2001; Ronald Rocha, *O movimento socialista no limiar dos impérios financeiros: crônica da Segunda Internacional* (Belo Horizonte, O Lutador, 2006), cap. VI; e a contribuição de Lars T. Lih a Alexander Anievas (org.), *Cataclysm 1914: The First World War and the Making of Modern World Politics* (Leiden, Brill, 2016). A polêmica é tratada em várias histórias do marxismo, das mais qualificadas – como a de Predrag Vranicki, *Storia del marxismo* (Roma, Editori Riuniti, 1973), 2 v., como as resultantes de competentes contribuições coletivas (Eric J. Hobsbawm, *História do marxismo, e Histoire du marxisme contemporain*, ambas já citadas, e ainda a editada por Stefano Petrucciani, *Storia del marxismo*, Roma, Carocci, 2015, 3 v.) – àquelas que são contaminadas por vieses antissocialistas, como a redigida pelo ex-comunista Leszek Kołakowski, *Las principales corrientes del marxismo* (Madri, Alianza, 1980-1985), 3 v. Como não conheço em português nenhuma biografia de Kautsky, ao leitor interessado sugiro três textos: Massimo Salvadori, *Karl Kautsky and the Socialist Revolution (1880-1938)* (Nova York, Verso, 1979); Gary P. Steenson, *Karl Kautsky, 1854-1938: Marxism in the Classical Years* (Pittsburgh, University of Pittsburgh Press, 1991); e Harald Koth, *Meine Zeit wird wieder kommen: Das Leben des Karl Kautsky* (Berlim, Dietz, 1993).

<sup>7</sup> Afora as aproximações incidentais nas contribuições de ambos à *Nova Gazeta Renana*, ver, dentre vários exemplos, de Marx, passagens de *As lutas de classes na França de 1848 a 1850* (trad. Nélio Schneider, São Paulo, Boitempo, 2012) e de *O 18 de brumário de Luís Bonaparte* (trad. Nélio Schneider, São Paulo, Boitempo, 2011); de Engels, ver especialmente *As guerras camponesas na Alemanha* (trad. B. A. Montenegro, Rio de Janeiro, Vitória, 1946) e “O problema camponês na França e na Alemanha”, em José Francisco Graziano da Silva e Verena Stolcke, *A questão agrária* (trad. Sandra Brizolla, São Paulo, Brasiliense, 1981), p. 59-80.

<sup>8</sup> Ver, de Marx, *O capital*, Livro I: *O processo de produção do capital* (trad. Rubens Enderle, São Paulo, Boitempo, 2013), seção IV, cap. 24, e Livro III: *O processo global da produção capitalista* (trad. Rubens Enderle, São Paulo, Boitempo, 2017) (lembre-se que esse Livro III só veio à luz em 1894), seção VI, e os passos do que seria o Livro IV (também de publicação póstuma e traduzido no Brasil como *Teorias da mais-valia: história crítica do pensamento econômico*, trad. Reginaldo Sant’Anna, 2. ed., São Paulo, Bertrand Brasil, 1987) em que a renda fundiária é tratada; para seus textos tardios (1877-1882) sobre sociedades agrárias não capitalistas, recorrer a Teodor Shanin (org.), *Marx tardio e a via russa: Marx e as periferias do capitalismo* (São Paulo, Expressão Popular, 2017), e Kevin B. Anderson, *Marx nas margens: nacionalismo, etnia e sociedades não ocidentais* (trad. Allan M. Hillani e Pedro Davoglio, São

Na Europa ocidental, e em escala menor na Europa nórdica, o movimento operário que se reclamava vinculado às ideias de Marx e Engels confrontou-se com a *questão agrária* na última década do século XIX. Então, em meio às implicações da grande e prolongada crise econômica instaurada em 1873-1874<sup>9</sup>, abriram-se possibilidades objetivas para que os social-democratas intervissem na dinâmica política institucional<sup>10</sup> e eles se defrontaram com a urgência de estabelecer uma programática capaz de viabilizar estratégias aptas a articular as aspirações da população dos campos com os avanços da classe operária urbana. De fato, a *questão agrária* impôs-se aos social-democratas europeus mais como exigência política que como demanda teórica – como o demonstra, por exemplo, o empenho pioneiro dos socialistas franceses para formular um “programa agrário” nos seus congressos de Marselha (1892) e Nantes (1894)<sup>11</sup>. Porém, a carência de uma elaboração cuidadosa,

Paulo, Boitempo, 2019). Ver, de Engels, o texto, pouco referido, “A marca” – traduzido por Christiana Freitas, João Quartim de Moraes e Lígia Maria Osório Silva e objeto da análise de Lígia Maria Osório Silva, texto e análise publicados em *Crítica Marxista*, n. 17, 2003 (disponível em: <[https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/sumario.php?id\\_revista=17&numero\\_revista=17](https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/sumario.php?id_revista=17&numero_revista=17)>; acesso em: 9 out. 2023).

<sup>9</sup> Sobre a crise econômica aberta em 1873-1874, ver as indicações contidas em Eric J. Hobsbawm, *A era dos impérios: 1875-1914* (trad. Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988), cap. 2 e 3; David S. Landes, *Prometeu desacorrentado: transformação tecnológica e desenvolvimento industrial na Europa ocidental, desde 1750 até a nossa época* (trad. Vera Ribeiro, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1994), cap. 5; Giovanni Arrighi, *O longo século XX* (trad. Vera Ribeiro, Rio de Janeiro/São Paulo, Contraponto/Ed. Unesp, 1996), partes do cap. 3. Estudo relevante sobre a crise na Inglaterra é o velho ensaio de Albert E. Musson, “The Great Depression in Britain, 1873-1896”, *The Journal of Economic History*, v. 19, n. 2, 1959. Trato abrangente da crise é oferecido por Osvaldo Coggiola, *As grandes depressões (1873-1896 e 1929-1939)* (São Paulo, Alameda, 2009).

<sup>10</sup> Esse é o momento histórico em que surgem e se desenvolvem os partidos social-democratas; há farta bibliografia sobre a história da social-democracia – especialmente a alemã, em boa medida a *alma mater* das organizações social-democratas, a começar pelo clássico de Franz Mehring, *Histoire de la social-démocratie allemande de 1863 à 1891* (Pantin, Les Bons Caracteres, 2013), datado de 1897-1898, e a chegar a Joseph Rovin, *História da social-democracia alemã* (trad. Eduardo Saló, Lisboa, Perspectivas e Realidades, 1979), sem ladear Jacques Droz (org.), *Histoire générale du socialisme: de 1875 à 1918* (Paris, PUF, 1983), e a abordagem detalhada de David E. Barclay e Eric D. Weitz (orgs.), *Between Reform and Revolution: German Socialism and Communism from 1840 to 1990* (Nova York, Berghahn, 1998). Quanto ao crescimento eleitoral dos social-democratas na Europa ocidental e nórdica, de 1880 a 1918, ver o quadro de Donald Sassoon, *Cien años de socialismo* (Barcelona, Edhasa, 2001), p. 34, e a minuciosa e ampla pesquisa de Pascal Delwit, “This Is the Final Fall: An Electoral History of European Social Democracy (1870-2019)”, *Cevipol Working Papers*, n. 1, 2021.

<sup>11</sup> Ver o antigo texto de Paul Louis, reeditado com o título original: *Histoire du Parti Socialiste en France (1871-1914)* (Paris, Forgotten, 2018).

bem fundamentada, no trato da *questão agrária* era sentida por todos os socialistas – tal como se assinala no III Congresso Internacional Operário Socialista (Zurique, agosto de 1893)<sup>12</sup>. E paralelamente aos esforços dos socialistas franceses para estabelecer seu “programa agrário”, um debate semelhante mobilizou os social-democratas alemães – debate que marcou o congresso que realizaram em outubro de 1894, em Frankfurt, no qual as intervenções de Georg H. Vollmar (1850-1922) e Bruno Schönlanck (1859-1901), representantes da direita reformista no interior do partido, foram importantes para sinalizar a premência de análises teoricamente fundadas. Na sequência daquele intenso debate, Kautsky publicou *A questão agrária*, já referida<sup>13</sup>.

Também na Rússia, nessa derradeira década do século XIX, a *questão agrária* entrou na ordem do dia. Eram, contudo, diversos os pontos de partida dos social-democratas russos. Enquanto os social-democratas ocidentais lidavam com uma realidade histórico-social em que a consolidação do capitalismo era um fato óbvio, evidente e indiscutível, na Rússia eles se confrontavam com um capitalismo emergente, literalmente atrasado em comparação com o dos países euro-ocidentais – um capitalismo que se afirmava rapidamente, mas travado por fortes sobrevivências do *Ancien Régime*, mesmo após a emancipação dos servos (a *reforma* de 1861), com as instituições econômico-sociais ainda vigorosamente vincadas pelos traços da feudalidade<sup>14</sup>. Ao passo que o debate, no Ocidente, arrancava do caráter cristalinamente visível do ordenamento capitalista da economia (com suas incidências

<sup>12</sup> Nas resoluções do congresso, registra-se, considerando “que a questão agrária, em função da sua importância capital e da insuficiente atenção até aqui recebida nos congressos internacionais”, que ela “deverá figurar na ordem do dia do próximo congresso”. Ver: <[http://www.antimyth.es/fr/syndicalisme/1893\\_congres\\_ouvrier\\_socialiste\\_international.pdf](http://www.antimyth.es/fr/syndicalisme/1893_congres_ouvrier_socialiste_international.pdf)>; acesso: 9 out. 2023.

<sup>13</sup> Um breve e eficiente resumo daquele debate se encontra na bela introdução que Giuliano Procacci escreveu para a obra de Karl Kautsky, *La cuestión agraria* (México, Siglo XXI, 1977), p. xi-ciii.

<sup>14</sup> Sobre o quadro histórico em que se insere a *reforma de 1861*, ver Alexander Polunov, *Russia in the Nineteenth Century: Autocracy, Reform and Social Change (1814-1914)* (Nova York, M. E. Sharpe, 2005), e Dominic Lieven (org.), *The Cambridge History of Russia: Imperial Russia (1689-1917)* (Cambridge, Cambridge University Press, 2006); ver também a primeira seção do contributo de Luís Manuel Fernandes a José Luís Fiori (org.), *Estados e moedas no desenvolvimento das nações* (Petrópolis, Vozes, 1999). Sobre a estrutura social da Rússia, ver o artigo de Luís Henrique F. Calabresi, “Considerações acerca da estrutura social da Rússia tsarista”, *Fronteiras: Revista de História*, v. 23, n. 41, 2021.

históricas, políticas, sociais e culturais), na Rússia o objeto da discussão era a própria viabilidade do capitalismo: o importantíssimo segmento intelectual constituído pelos *populistas* – a que voltarei adiante, dada a centralidade da polémica que Lênin, contra eles, opera no *Desenvolvimento* – colocava em questão sua existência como base necessária para uma evolução histórica direcionada ao socialismo<sup>15</sup>.

Por outra parte, as condições políticas a partir das quais, na Europa ocidental e nórdica, a *questão agrária* viu-se debatida nos fins do século XIX diferiam substantivamente daquelas existentes na Rússia. Enquanto os protagonistas ocidentais (e, noutra medida, nórdicos) do debate atuavam em sociedades nas quais a força do movimento operário e popular impunha à dominação política da burguesia e seus associados normas de convivência relativamente democráticas, asseguradas por um proletariado urbano-industrial cujo grau de disciplina e organização era já elevado (e, no caso específico dos alemães, com o respaldo de um grande partido de massas)<sup>16</sup>, os protagonistas russos moviam-se numa sociedade cuja estrutura de poder era absolutamente autocrática, na qual o regime servil fora abolido havia apenas

<sup>15</sup> Como observou corretamente um estudioso, “o problema que se colocava, em primeiro plano, na discussão socialista russa, não era o das premissas do socialismo, era o das premissas do capitalismo” (Bo Gustafsson, *Marxismo y revisionismo: la crítica bernsteiniana del marxismo y sus premisas histórico-ideológicas*, Barcelona, Grijalbo, 1975, p. 396). É considerando essa diferencialidade, ademais de outras, entre o quadro russo e o euro-ocidental que se esclarece boa parte das distinções entre a análise de Lênin e a de Kautsky na questão agrária, evidenciadas, por exemplo, em passos relevantes de Ricardo Abramovay, *Paradigmas do capitalismo agrário em questão* (São Paulo, Edusp, 2007). Dentre os traços pertinentes às análises de Kautsky e de Lênin, um dos que mais as distingue é o tratamento das suas dimensões históricas. Recordo-me literalmente da observação que me fez, nos anos 1970, o historiador Jaime Pinsky (a quem sou grato por sua solidariedade nos meus primeiros anos de exílio): “O *Desenvolvimento* é obra de historiador, historiador cuidadoso, que pesquisa fontes, que não subestima fatos e que, partindo de uma teoria geral, não busca o concreto para ilustrar seu esquema, mas para enriquecer a própria análise teórica...”

<sup>16</sup> Ver Eric J. Hobsbawm, *A era dos impérios*, cit., esp. cap. 4. Não cabe, nesta oportunidade, sequer mencionar a enorme documentação, aliás muito heterogênea, acerca da emergência e do desenvolvimento da democracia moderna, de que são marcos, entre tantos, textos de Robert A. Dahl, Norberto Bobbio, Crawford Brough Macpherson e Richard Bellamy –, mas cumpre sugerir a reflexão sobre as limitações que, na reconstrução histórica da luta pela conquista dos direitos civis, políticos, econômicos e sociais, são destacadas por Domenico Losurdo em *Democracia ou bonapartismo: triunfo e decadência do sufrágio universal* (trad. Luiz Sérgio Henriques, Rio de Janeiro/São Paulo, UFRJ/Ed. Unesp, 2004).

três décadas e o emergente proletariado não dispunha de tradições associativas nem de experiências políticas de organização partidária<sup>17</sup>.

A diferencialidade dos debates sobre a *questão agrária*, na Europa e na Rússia, não deve creditar-se somente aos contextos históricos e socio-políticos no interior dos quais eles se desenvolveram – também era muito distinto o particular *background* ideocultural em que se inscreviam. De fato, na Rússia, o debate surge originalmente com o evoluir do movimento populista e se adensa quando este, em fins dos anos 1870 e ao longo da década seguinte, experimenta divisões e alguns de seus representantes evoluem para posições próximas ao pensamento de Marx-Engels ou mesmo acabam por filiar-se expressamente a este – como foi o caso de Gueórgui Plekhánov (1856-1918), egresso dos quadros do populismo e fundador do grupo *Osvobojdíenie Truda* (Emancipação do Trabalho)<sup>18</sup>. Por isso, é indispensável, para contextualizar minimamente a elaboração leniniana que é o *Desenvolvimento*, uma referência, mesmo que sumária, ao *populismo* russo e tangenciar, à partida, o diversificado tratamento que a *questão agrária*

<sup>17</sup> Nenhum historiador sério põe em questão o caráter autocrático do tsarismo, seu despotismo e sua tirania, mesmo depois da *reforma* de 1861 (ver, por exemplo, os textos em inglês referidos na nota 14, *supra*).

Mencionei, linhas acima, que na Alemanha, desde 1875, existia um partido que, na década de 1890, ganhou caráter massivo; na Rússia, a criação – na clandestinidade, em 1898 – do partido social-democrata, em relação, por exemplo, à Alemanha, dá-se mais tarde, justamente quando Lênin ainda permanecia confinado na Sibéria oriental, redigindo o *Desenvolvimento*.

<sup>18</sup> Sobre Plekhánov (e o grupo Emancipação do Trabalho), ver Samuel H. Baron, *Plekhanov: The Father of Russian Marxism* (Stanford, Stanford University Press, 1963), e *Plekhanov in Russian History and Soviet Historiography* (Pittsburgh, University of Pittsburgh Press, 1995); Michail Jowtschuk e Irina Kurbatowa, *Georgi Plechanov: Eine Biografie* (Berlim, Dietz, 1983); Israel Getzler, “Gueorgui V. Plekhanov: a danação da ortodoxia”, em Eric J. Hobsbawm (org.), *História do marxismo*, cit. Não tive acesso a um trabalho sobre Plekhánov, muito louvado por vários historiadores, de Vagarshak Ter-Vaganian, *G. V. Plekhanov: An Attempt at a Characterization of his Socio-Political Views*, editado em Moscou, em 1924, mas praticamente todas as áreas da intervenção teórico-política de Plekhánov foram objeto das atenções de Samuel H. Baron, Andrzej Walicki e Vittorio Strada em Maurice Dobb et al., *Histoire du marxisme contemporain*, v. 3 (Paris, UGE/Ed. 10/18, 1977).

Sabe-se que o grupo Emancipação do Trabalho consultou Marx, na entrada da década de 1880, sobre as possibilidades evolutivas do capitalismo na Rússia em que era ponderável a gravitação econômica da comunidade agrária camponesa; sobre essa questão, ver José Paulo Netto, *Karl Marx: uma biografia* (São Paulo, Boitempo, 2020), p. 470-84, e Marcello Musto, *Karl Marx: biografia intelectual e política (1857-1883)* (São Paulo, Expressão Popular, 2023), p. 280-9.

recebeu antes e depois da publicação desta obra que foi, efetivamente, um divisor de águas na história da Rússia<sup>19</sup>.

## O POPULISMO RUSSO E A SUA CRÍTICA POR LÊNIN

Em meados da sexta década do século XIX, após a *reforma de 1861*, surgiu na Rússia o movimento que logo seria conhecido como *populista*: o movimento *khojdénie v narod* (“ir ao povo”) – intelectuais deslocavam-se para o campo, no afã de divulgar ideias democráticas<sup>20</sup>. Originalmente, o movimento

<sup>19</sup> Sobre o movimento populista russo, ao qual voltarei em seguida, dentre as bibliografias qualificadas, destaco Ghita Ionescu e Ernest Gellner (orgs.), *Populismo* (Buenos Aires, Amorrortu, 1970); o clássico de Franco Venturi, *Il populismo russo* (Turim, Einaudi, 1972); Valentina A. Tvardovskaia, *El populismo ruso* (México, Siglo XXI, 1978); Norman M. Naimark, *Terrorists and Social Democrats: The Russian Revolutionary Movement under Alexander III* (Cambridge, MA, Harvard University Press, 1983), e Giorgio Migliardi (org.), *Il populismo russo* (Milão, Franco Angeli, 1985); importa também a leitura de Andrzej Walicki, *Populismo y marxismo* (Barcelona, Estela, 1969), Franco Battistrada, *Marxismo e populismo: 1861-1921* (Milão, Jaca, 1980) e do volume, organizado por Rubem César Fernandes, *Dilemas do socialismo: a controvérsia entre Marx, Engels e os populistas russos* (Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982), com importantes documentos de populistas russos; aliás, fonte de abundante documentação sobre um período um pouco diverso é Neil Harding (org.), *Marxism in Russia: Key Documents (1879-1906)* (Cambridge, Cambridge University Press, 2008).

A documentação quanto ao tratamento referido e à disposição dos estudiosos é muito rica e diversificada. Só é possível indicar aqui, dentre dezenas, umas poucas fontes que apresentam fecundas sugestões de pesquisa: Masaharu Tanaka, “The Controversies Concerning Russian Capitalism. An Analysis of the Views of Plekhanov and Lenin”, *Kyoto University Economic Review*, v. 36, n. 2, 1966; Athar Hussain e Keith Tribe (orgs.), *Marxism and the Agrarian Question*, cit.; András Hegedüs, “A questão agrária”, cit.; John Milios, “Preindustrial Capitalism Forms: Lenin’s Contribution to a Marxist Theory of Economic Development”, *Rethinking Marxism*, v. 11, n. 4, 1999; Utsa Patnaik, “Lenin and the Agrarian Question”, em Jomo K. S. (org.), *The Pioneers of Development Economics* (Nova Delhi/Londres, Tulika/Zed, 2005); Henry Bernstein, “V. I. Lenin and A. V. Chayanov: Looking Back, Looking Forward”, em Saturnino Borrás Jr. (org.), *Critical Perspectives in Rural Development Studies* (Londres, Routledge, 2010); Lígia Maria Osório Silva, “Lenin: a questão agrária na Rússia”, *Crítica Marxista*, n. 35, 2012; J. D. White, “The Development of Capitalism in Russia in the Works of Marx, Danielson, Vorontsov and Lenin”, cit.; Lucas Bezerra, “Lenin e a questão agrária: pensamento e ação”, *Germinal: Marxismo e Educação em Debate*, v. 12, n. 2, 2020.

<sup>20</sup> Lênin sintetizou claramente sua compreensão do *populismo*: “Por populismo entendemos um sistema de concepções que compreende os três traços seguintes: 1) *considerar o capitalismo na Rússia como uma decadência, uma regressão*. Daí a tendência e o desejo de ‘deter’, de ‘paralisar’, de ‘cessar a destruição’ dos pilares pelo capitalismo e outros lamentos reacionários semelhantes. 2) *Considerar original o regime econômico russo em geral e o camponês com a sua comunidade, artef etc., em particular*. Não se considera necessário aplicar às relações econômicas russas os conceitos elaborados pela ciência moderna sobre as diferentes classes sociais e os seus conflitos. O campesinato da comunidade

populista tinha caráter pacífico e, com o objetivo de deflagrar um processo de conscientização entre os camponeses, não dispunha de qualquer estrutura organizativa. Sua programática se explicita a partir de 1869, ano em que se publicam os textos básicos de seus primeiros ideólogos<sup>21</sup>.

A perseguição que a autocracia tsarista promoveu contra os militantes do movimento, porém, conduziu à criação, em 1876, de uma organização francamente política, clandestina – *Zemliá i Vólia* (Terra e Liberdade), que,

é considerado como algo superior e melhor em comparação com o capitalismo; é a idealização dos ‘pilares’. Negam e dissimulam as contradições que existem entre os camponeses, que são inerentes a qualquer economia mercantil e capitalista, negam a relação destas contradições com a sua forma mais desenvolvida na indústria e na agricultura capitalistas. 3) *Ignorar as relações entre a ‘intelectualidade’ e as instituições jurídico-políticas do país, por um lado, e os interesses materiais de determinadas classes sociais, por outro.* A negação desta relação, a ausência de uma interpretação materialista destes fatores sociais obriga a ver neles uma força capaz de ‘empurrar a história por outra via’ [...], ‘desviar do caminho’ (Vladimir I. Lênin, “A que herança renunciamos?”, em *Obras escolhidas em três tomos*, v. 1, Lisboa/Moscou, Avante!/Progresso, 1977, p. 63).

Muito posteriormente, em nota editorial a escritos de Lênin, historiadores russos caracterizaram assim o movimento populista: “Corrente pequeno-burguesa no movimento revolucionário russo, surgida nos anos [18]60/[18]70 [...]. Os populistas lutavam pela liquidação da autocracia, pela entrega das terras dos latifundiários aos camponeses. Consideravam-se socialistas, mas o seu socialismo era utópico. Os populistas negavam o caráter necessário do desenvolvimento das relações capitalistas na Rússia, viam na comunidade agrária o embrião do socialismo e pensavam, em conformidade com isso, que era o campesinato e não o proletariado a principal força revolucionária. Procurando erguer os camponeses na luta contra a autocracia, os populistas iam ao campo, ‘ao povo’ (daí seu nome), mas não encontravam apoio. O populismo atravessou várias etapas, evoluindo da democracia revolucionária para o liberalismo. Nos anos [18]80/[18]90, os populistas entraram na via da reconciliação com o tsarismo, exprimiam os interesses dos *kulaks* (camponeses ricos) e lutavam contra o marxismo” (Vladimir I. Lênin, *Obras escolhidas em três tomos*, cit., p. 695-6). Essa caracterização, corrente na ex-União Soviética, omite um fato de grande importância: *os populistas foram os pioneiros, na Rússia, da divulgação de obras de Marx*; dentre eles, destaque-se Nikolai F. Danielson (1844-1918), conhecido como *Nikolai-on*, tradutor de *O capital* para o russo e correspondente de Marx e Engels – ver, por exemplo, em Karl Marx e Friedrich Engels, *Cartas sobre O capital* (trad. Leila Escorsim, São Paulo, Expressão Popular, 2020), p. 272, 300-1, 304-5, 309, 329-36, 344-7, 386-8, 390-2, 395, 397-9, 400-3, 407-8, 425-8, 434-42, 444-8, 451.

<sup>21</sup> “Proponho o ano de 1869 como data convencional para marcar [...] o começo do populismo clássico. Nesse ano foram publicados três documentos clássicos da ideologia populista: as *Cartas históricas*, de Lavrov, o trabalho de Mikhailovskii, *O que é o progresso?*, e a obra de Fleróvski, *A situação da classe trabalhadora na Rússia*” (Andrzej Walicki, “Rússia”, em Ghita Ionescu e Ernest Gellner (orgs.), *Populismo*, cit., p. 95). Note-se que Marx apreciou muito o livro mencionado de N. Fleróvski (pseudônimo de Vassili V. Biérvi, 1829-1918) e correspondeu-se com Piotr L. Lavrov (1823-1900) – ver Karl Marx e Friedrich Engels, *Cartas sobre O capital*, cit., p. 292-3 e 313-4; quanto à impressão de Marx sobre Nikolai K. Mikhailovskii (1842-1904), ver, na supracitada obra organizada por Teodor Shanin, *Marx tardio e a via russa*, as p. 97-102; aliás, nessa obra, o contributo de Haruki Wada, p. 75-117, sumaria com propriedade os contatos de Marx com a intelectualidade revolucionária russa.

três anos depois, cinde-se em dois grupamentos: *Naródniaia Vólia* (Vontade/Liberdade do Povo), em que pontificavam Andrei Jeliábov (1851-1881), Vera Figner (1852-1942) e Aleksandr F. Mikháilov (1853-1929), concentrando sua ação em atos violentos<sup>22</sup>, e *Tchórny Peredel* (Repartição Negra), sob a liderança de Plekhánov, apoiado por Pavel Akselrod (1850-1928) e Vera Zassúlitch (1849-1919), que dirigiam seus esforços – prosseguindo a orientação original da *Zemliá i Vólia* – para a defesa de uma reforma agrária. Nos anos 1880, o esgotamento político do populismo, resultante quer da ineficácia das suas ações, quer da repressão da polícia política tsarista, reduziu a quase nada a intervenção prática de seus ativistas.

Substantivamente, os populistas

repeliam o capitalismo ocidental, com os seus cortiços e sua exploração, e esperavam que a amada Rússia pudesse ultrapassar o capitalismo, atravessar o atoleiro capitalista pela ponte do *mir* [comunidade rural aldeã], evitando a guerra de classes, transferindo-se diretamente do subdesenvolvimento para o socialismo agrário. Os populistas injetavam esse raciocínio social no seu místico e messiânico eslavofilismo.<sup>23</sup>

Com efeito,

eles estavam convencidos de que a economia rural e as instituições camponesas eram vigorosos antídotos contra o capitalismo. Este não se lhes afigurava como uma etapa histórica inelutável, mas como um produto artificial, uma importação estrangeira, desvinculada das instituições e das tradições russas. Parecia-lhes necessário, então, preservar as instituições aldeãs e tradicionais para dar um fundamento autenticamente russo ao sistema socialista ou comunitário da vida econômica e social, evitando, assim, o estágio histórico do capitalismo.<sup>24</sup>

Mesmo os populistas que mais se aproximaram de Marx não evoluíram para além da mística crença da tendência que atribuíam à comunidade

<sup>22</sup> A ação mais espetacular do grupo foi o assassinato do tsar Alexandre II, em 13 de março de 1881. Tempos depois, um irmão de Lênin (Aleksandr, nascido em 1866 e apelidado *Sacha*) vinculou-se à organização, envolveu-se na preparação de um atentado contra Alexandre III, foi preso e executado em 8 de maio de 1887 – a sorte de *Sacha*, segundo Deutscher (*Lenin: los años de formación*, cit.), impressionou vivamente o futuro líder bolchevique.

<sup>23</sup> Louis Fischer, *A vida de Lênin*, cit., p. 37.

<sup>24</sup> Maurice Dobb, “Considerations sur *Le Développement du capitalisme en Russie* de Lênine”, cit., p. 8.

camponesa; para eles, a originalidade, a peculiaridade mesma do processo histórico-social russo consistia precisamente nela.

Afigura-se-me indiscutível que, nos anos 1860-1870, o populismo desempenhou um papel significativo e progressista no quadro teórico-ideológico e político da Rússia. Mas, a pouco e pouco, com as transformações econômico-sociais experimentadas pelo país, que registravam os avanços do desenvolvimento capitalista, o pensamento populista foi se alienando do processo histórico real, anquilosado nos seus preconceitos de cariz romântico sobre a vida camponesa, e acabou por converter-se numa visão deformada e atrasada da realidade russa.

O primeiro a dar-se conta dos vieses sociopolíticos que anacronizavam o populismo foi o já citado Plekhánov. Exilando-se na Suíça em 1880, ele se afasta dos populistas (aos quais se ligara em 1876) e já a partir de 1881 movimenta-se em direção à influência de Marx e Engels e, ao longo dos anos seguintes, exercitará uma severa crítica do populismo, seja no domínio de sua prática política, seja no âmbito de suas concepções filosóficas e ideológicas – nesse movimento, Plekhánov torna-se o pioneiro da análise do populismo à luz das ideias de Marx e de Engels<sup>25</sup>. Lênin travou relações pessoais com o “pai do marxismo russo” em sua primeira viagem ao exterior, na primavera de 1895; foi um encontro amistoso e, em seu regresso à Rússia, em setembro daquele ano, avançou na trilha aberta por Plekhánov, aprofundando a crítica aos populistas que já vinha desenvolvendo antes de conhecer pessoalmente o líder do grupo Emancipação do Trabalho<sup>26</sup>.

<sup>25</sup> Não é este o lugar para refletir sobre o conjunto de materiais mediante o qual Plekhánov estabeleceu as primeiras críticas marxistas ao pensamento populista – especialmente os ensaios *O socialismo e a luta política* (1883) e *Nossas divergências* (1885) – e prosseguiu, entre a última década do século XIX e a primeira do século XX, elaborando textos que incidiram fortemente na formação de gerações de marxistas, coligidos em Gueorgui Plejánov, *Obras escogidas* (Buenos Aires, Quetzal, 1964), 2 v.

Em Portugal, logo após a Revolução dos Cravos, trabalhos de Plekhánov vieram à luz por iniciativa de editoras lisboetas (Germinal, Fronteira, Estampa, Presença, Horizonte); no Brasil, seus ensaios circularam desde os anos 1930 (ver Edgard Carone, *O marxismo no Brasil: das origens a 1964*, Rio de Janeiro, Dois Pontos, 1986, p. 126-7) e, nas últimas décadas, várias editoras os têm relançado (em especial as paulistanas Hucitec, Expressão Popular e LavraPalavra).

<sup>26</sup> Não cabe aqui tematizar as relações entre Plekhánov e Lênin, referidas em várias das fontes já citadas. Basta lembrar que foram amistosas até 1902, quando os social-democratas russos se dividiram entre

Ainda em 1888, residindo em Samara, quando se dedicou ao estudo intensivo de *O capital*\*, Lênin registrou seu distanciamento dos populistas – leu com cuidado *Os destinos do capitalismo na Rússia*, influente obra de 1882 do populista liberal Vassíli P. Vorontsov (1847-1918), que rechaçava o marxismo, negava o desenvolvimento do capitalismo na Rússia e louvava a pequena produção mercantil. Mas, de fato, a crítica leniniana direta aos populistas se inicia mesmo no segundo terço da década de 1890 (com o jovem advogado já radicado em São Petersburgo), com o ensaio “Sobre a chamada questão dos mercados”, escrito no verão de 1893 – e a crítica leniniana haverá de se estender por todo o decênio, às vezes entrelaçada à sua crítica aos *marxistas legais*<sup>27</sup>. Estes, à diferença dos populistas – que viam no desenvolvimento capitalista russo uma regressão inaceitável –, concebiam tal desenvolvimento como necessário e inevitável, mas tergiversando suas contradições e aceitando-o com resignação; Lênin desvelará os equívocos teóricos e as limitações políticas dos *marxistas legais*, mas nos anos 1890 o essencial de sua crítica dirige-se mesmo contra os populistas<sup>28</sup>. Ademais do

bolcheviques e mencheviques; após tal divisão, especialmente depois de 1905, tais relações tornaram-se instáveis e enfim culminaram numa franca ruptura. Todavia, Lênin, mesmo com críticas a posições políticas de Plekhánov e à sua obra, sempre manteve, em face de seus trabalhos filosóficos, grande respeito – em 1921, afirmou: “Penso que não é demais observar aos jovens membros do Partido que não é possível tornar-se um verdadeiro comunista [...] sem estudar – friso *estudar* – tudo o que Plekhánov escreveu sobre filosofia, pois que é o que há de melhor na literatura internacional do marxismo” (extraio a passagem de uma intervenção recolhida em Vladímir I. Lênin, *Collected Works*, v. 32, Moscou, Progress, 1964-1977).

\* Karl Marx, *O capital* (trad. Rubens Enderle, São Paulo, Boitempo, 2013-2017), 3 v. (N. E.)

<sup>27</sup> Não há espaço, nesta “Apresentação”, para discorrer sobre o *marxismo legal*, que se desenvolveu, nos anos 1890, na Rússia, e teve como representantes mais destacados Mikhail Tugan-Baranóvski (1865-1919), Piotr Struve (1870-1944), Serguei Bulgákov (1871-1944) e depois o jovem filósofo Nikolai A. Berdiáiev (1874-1948) – sobre essa corrente, na verdade a modalidade especificamente russa do revisionismo que seria formalizado por Eduard Bernstein (ver Bo Gustafsson, *Marxismo y revisionismo*, cit., esp. cap. 7), recorra-se ao ainda esclarecedor livro de Richard Kindersley, *The First Russian Revisionists: A Study of Legal Marxism in Russia* (Oxford, Oxford University Press, 1962); há também interessantes subsídios em Maurice Dobb et al., *Histoire du marxisme contemporain*, v. 3, já citado.

Note-se que os *marxistas legais*, que já ao final dos anos 1890 inclinavam-se para uma conciliação com o regime tsarista, assumiram – especialmente depois da revolução de 1905-1907 – posições francamente reacionárias.

<sup>28</sup> Como se verifica no ensaio, de 1894-1895, “O conteúdo econômico do populismo e a sua crítica na obra de Struve”, em que critica o texto de Struve publicado em 1894 sob o título “Notas críticas sobre

ensaio citado há pouco e do mencionado nesta última nota, é substantiva a produção intelectual de Lênin voltada para o enfrentamento do populismo. Destaco pelo menos quatro dos seus textos mais relevantes desses anos:

1) entre a primavera e o verão de 1894, redige o ensaio “Quem são os ‘Amigos do Povo’ e como lutam contra os social-democratas?” – que teve considerável impacto na formação dos jovens marxistas (que então se caracterizavam como social-democratas);

2) em 1897, elabora “Uma caracterização do romantismo econômico” – em que já revela uma segura compreensão da história da economia política;

3) em fins de 1897, escreve o importantíssimo “A que herança renunciamos?”, em que oferece um sintético balanço do populismo e de sua transformação numa concepção deformada e reacionária da realidade russa<sup>29</sup>;

o desenvolvimento econômico da Rússia”. Observe-se que, na batalha de ideias contra o populismo, os *marxistas legais*, mormente Struve e Tugan-Baranóvski, eram aliados de importância: “Na verdade, os representantes do *marxismo legal* moviam-se sobre a mesma linha teórica de Plekhánov e Lênin na análise do desenvolvimento do capitalismo na Rússia. Todavia, quanto aos problemas da revolução e da luta revolucionária, os *marxistas legais* eram os representantes da intelectualidade burguesa: seu oportunismo prático logo os conduziu ao revisionismo teórico. Struve, Bulgakóv e Berdiáiev abandonaram o materialismo e a dialética para acompanhar a moda filosófica da época, o neokantismo” (Predrag Vranicki, *Storia del marxismo*, v. 1, cit., p. 397). No que toca especificamente ao *Desenvolvimento*, a crítica ao *marxismo legal* só comparece em notas da sua segunda edição (1908).

Ao que sei, não são muitos os textos leninianos dos anos 1890 anteriores ao *Desenvolvimento* traduzidos para o português – um deles, “A que herança renunciamos?”, vem mencionado na nota 20, *supra*, e outros foram coligidos em Vladimir I. Lênin, *Escritos de juventude* (São Paulo, LavraPalavra, 2022), 2 v.; minhas referências remetem ao volume 1 de seus já citados *Escritos econômicos (1893-1899)* (ver nota 5, *supra*) e estão disponíveis também nos volumes 1, 2 e 4 das suas *Collected Works* (Moscou, Progress, cit.).

<sup>29</sup> Nesse ensaio de finais de 1897, Lênin sustenta que o moderno pensamento social russo emerge nos anos 1860 com a *geração iluminista*, que tipifica na figura de Skaldin (Fiódor P. Elénev, 1828-1902), não mencionando – para evitar problemas com a censura – aquele que de fato era sua referência no iluminismo russo, Nikolai G. Tchernichévski (1829-1899). O perfil sociocultural da geração iluminista constitui-se com o ódio à servidão e pela defesa da instrução, da liberdade, da autonomia administrativa e das formas europeias de vida e das massas populares, especialmente dos camponeses – e essa era a “herança” reclamada pelos social-democratas russos, cujo projeto implicava seu consequente desenvolvimento. O que os social-democratas russos recusavam, segundo Lênin, era a versão populista dessa “herança”; ele demonstra que o populismo partiu dessa “herança”, mas que não pode se identificar com ela (e, menos ainda, reduzir-se a ela); afirma, mais, que os social-democratas tinham de rechaçar a programática populista; para Lênin, se, sob alguns aspectos, o populismo representou um progresso em relação à “herança”, *no conjunto ele a abastardou, convertendo-a numa concepção reacionária da dinâmica social russa* (observe-se que Lênin – conforme o já citado Walicki recordou –, quando qualifica o populismo como *reacionário*, fá-lo com a palavra empregada “no seu

4) em 1899, retorna – de forma mais refinada e instigante – a problemas sobre os quais já se pronunciara anteriormente em “Uma nota sobre a questão da teoria dos mercados. A propósito da polêmica dos senhores Tugan-Baranóvski e Bulgákov”.

Desses anos de Samara e São Petersburgo, cabe afirmar que o essencial das pesquisas de Lênin – que se processaram simultaneamente a suas atividades de agitação/organização política (em especial no período em que se transferiu para a capital do império)<sup>30</sup> – foi de fato dirigido para fundar sua crítica, teórica e político-ideológica, ao populismo. E mais: cumpre realçar que, quando parte para o desterro na Sibéria, Lênin já tem determinada a perspectiva analítica com que enfrentará a concepção que articula a interpretação populista do desenvolvimento econômico da Rússia.

Vimos, linhas acima, que Lênin leu cuidadosamente a obra em que Vorontsov formulava os traços fundamentais da concepção populista; para o autor de *Os destinos do capitalismo na Rússia*, como resumiu Maurice Dobb,

o baixo nível de produção e a quase autossuficiência da aldeia russa [...] retardariam e até colocariam em risco a possibilidade do desenvolvimento capitalista, dada a ausência de mercados internos para os produtos industriais. A indústria capitalista só poderia ser implantada para exportar, e com a ajuda de medidas políticas deliberadas. Nesse sentido, o crescimento forçado do capitalismo industrial seria *artificial*.<sup>31</sup>

Muito esquematicamente, pode-se dizer que, na teorização populista, a viabilidade do capitalismo na Rússia era extremadamente problemática:

sentido histórico-filosófico, denotando apenas o erro dos teóricos que, para as suas teorias, extraem modelos de formas sociais *anacrônicas*”).

<sup>30</sup> Em São Petersburgo, no outono de 1895, Lênin – juntamente com Julius Márto (1873-1923) e outros jovens revolucionários – criou a *Soiuz borby za osvobojdienie rabótczego klassa* (Liga de Luta pela Libertação da Classe Operária).

Sobre Márto (pseudônimo de Iúli O. Tserbaum), depois de 1902 destacado menchevique, que Leon Trótski (*A história da Revolução Russa*, v. 3, trad. E. Huggins, Rio de Janeiro, Saga, 1967, p. 954) chamou de “o Hamlet do socialismo democrático”, ver especialmente Israel Getzler, *Martov: A Political Biography of a Russian Social Democrat* (Cambridge, Cambridge University Press, 1967) e, do mesmo autor, sua contribuição a Eric J. Hobsbawm (org.), *História do marxismo*, v. 5, cit. Vale ainda a leitura de Julius Martov, *Comment je suis devenu marxiste (textes choisis)* (Colligis-Crandelain, Blurp, 2016).

<sup>31</sup> Maurice Dobb, “Considérations sur *Le Développement du capitalisme en Russie* de Lénine”, cit., p. 10.

arruinando a economia camponesa, limitava seu mercado interno, e como os mercados externos já estavam tomados pelas potências industrializadas, ele – o capitalismo – não tinha espaço para qualquer expansão. Ou seja: os fundamentos da concepção populista erigiam-se sobre a conjunção dos problemas colocados na agricultura pela dinâmica capitalista com aqueles da acumulação capitalista numa sociedade não industrializada.

Pois bem: nos trabalhos de Lênin dos anos 1890<sup>32</sup> que precedem o livro concluído em 1899, mormente na sua avaliação da obra de Vladímir E. Póstnikov e em “Sobre a chamada questão dos mercados”, já está esboçado o eixo teórico-crítico que, desdobrado e ampliado, será explicitado no *Desenvolvimento*. Lênin demonstra que a ruína dos camponeses não implica a liquidação do mercado interno – ao contrário, é uma consequência necessária do processo de emergência e de evolução do capitalismo que promove a industrialização e que acelera e aprofunda os antagonismos já existentes no bojo da comunidade camponesa, desintegra o campesinato e libera massas para a formação do proletariado. Sobretudo, Lênin revela que o empobrecimento do grosso do campesinato não é um obstáculo para a expansão capitalista (e, aqui, ele corrige a teoria da acumulação esposada pelos populistas): o que importa, para o desenvolvimento capitalista, é a demanda originada pelos próprios capitalistas, a crescente transformação de mais-valia em capital constante, com o mais rápido crescimento do setor de bens de capital.

Nesses trabalhos dos anos 1890 que precedem a elaboração do *Desenvolvimento*, Lênin acumulou investigações e materiais para apreender a concreta realidade do processo econômico-social russo<sup>33</sup>, ao mesmo

<sup>32</sup> Além dos ensaios leninianos já citados, haveria que acrescentar vários outros – como uma avaliação crítica (que, aliás, só se viu editada em 1923) da obra de Vladímir E. Póstnikov (1844-1908), *A economia camponesa da Rússia Meridional*, publicada em 1891.

Nesta “Apresentação” não cabem mais que breves alusões ao imenso repertório textual examinado por Lênin nos anos que precedem a redação do *Desenvolvimento* – aqui, um rol completo seria impossível. Sobre isso, ver o primeiro capítulo de Tony Cliff, *Lenin*, v. 1: *Building the Party (1893-1914)* (Londres, Pluto, 1975).

<sup>33</sup> Inclusive com a utilização de dados estatísticos, de que faz largo uso no *Desenvolvimento*. Ressalte-se que, nesta obra de Lênin, o recurso a dados quantitativos não surge como algo superposto à pesquisa dita qualitativa; indicadores numéricos não são “ilustrações” (e pouco importa que o próprio Lênin tenha feito concessões a essa palavra): inscrevem-se, primariamente, como momentos em que certas

tempo que criticava a concepção que dele tinham os populistas – e o fez não se prendendo estritamente às proposições populistas, mas envolvendo a complexa problemática do processo de emergência do capitalismo e suas implicações na transição de uma sociedade de base agrária a outra, em que a ponderação urbano-industrial acabará por ser dominante. Essa amplitude das formulações exaradas no *Desenvolvimento* também confere a esta obra uma força teórica realmente perdurável.

### A ESTRUTURA TEXTUAL DO *DESENVOLVIMENTO*

Creio já ter sugerido que a refutação das concepções populistas se opera, no *Desenvolvimento*, com a afirmação – verificável a partir de dados empíricos – tanto da viabilidade histórico-real do capitalismo na Rússia quanto de sua efetiva emergência – constatável também mediante indicadores muito objetivos.

Antes, todavia, de oferecer ao leitor do *Desenvolvimento* uma sinopse da estrutura textual desta obra – que, em si mesma, consideradas tanto sua magnitude teórico-crítica quanto as condições em que foi elaborada, é prova da excepcional qualificação intelectual de um pesquisador que ainda não completara trinta anos –, é indispensável tangenciar uma característica peculiar da investigação nela exposta, que remete à questão do método (a que, de algum modo, aludirei ao fim desta “Apresentação”), e mencionar sua inserção na trajetória teórica e política de Lênin.

Ao longo do *Desenvolvimento*, a análise de Lênin, para apreender a *particularidade* histórico-social do evoluir da Rússia pós-1861, avança mediante aproximações sucessivas a níveis societários cuja integração não é pressuposta como meramente funcional; antes, trata-se de um conjunto sistemático de

tendências são arrancadas de seu circuito para que se efetive sua ponderação relativa. Tal utilização já foi objeto de exame – ver, por exemplo, Samuel Kotz e Eugene Seneta, “Lenin as a Statistician: A Non-Soviet View”. *Journal of the Royal Statistical Society*, v. 153, n. 1, 1990, e Denis V. Melnik, “Lenin as a Development Economist. A Study in Application of Marx’s Theory in Russia”, *Russian Journal of Economics*, v. 7, n. 1, 2021.

*démarches* sobre níveis distintos que se conectam por *relações estruturais*, em que determinadas instâncias condicionantes se revelam como tais na escala em que seu dinamismo aparece como direcionador do movimento macroscópico da *formação econômico-social*, com essas relações estruturais não sendo *supostas* aprioristicamente, *mas revelando-se na própria análise*. Graças à instrumentalização analítica da ideia marxiana de *formação econômico-social* – e atrevo-me a levantar a hipótese de que Lênin foi, depois de Marx, o primeiro a fazê-lo –, o que se obtém como resultado das operações crítico-analíticas é uma síntese que reproduz idealmente uma totalidade histórica (a sociedade russa numa temporalidade determinada) na sua complexidade e concretude<sup>34</sup>.

Quanto ao lugar do *Desenvolvimento* no conjunto da elaboração leniniana, há que partir da assertiva do maior cientista social brasileiro, Florestan Fernandes, e avançar sobre ela:

Lênin nasceu, cresceu e viveu para a ação política – não para a ação política comum ou convencional, dentro das regras do jogo, para a qual também estaria credenciado, mas para a ação política revolucionária, consagrada ao socialismo. Todo o seu pensamento é político: em suas origens, em suas motivações ou em seus alvos. Mesmo sua maior obra de investigação científica (*O desenvolvimento do capitalismo na Rússia*) foi empreendida por inspiração política.<sup>35</sup>

A referência de Florestan é mesmo justa para situar o *Desenvolvimento* no conjunto da atividade de Lênin: esse livro é tanto a crítica leniniana ao

<sup>34</sup> Parece-me que foi Henri Lefebvre o primeiro a destacar a instrumentalização da ideia marxiana por parte de Lênin – ver, na edição francesa de seu *La Pensée de Lénine* (Paris, Bordas, 1957), p. 206 e seg. (livro cuja edição brasileira foi citada na nota 3, *supra*). Se quiser se aproximar seriamente da problemática teórica da *formação econômico-social*, o leitor tem necessariamente de socorrer-se da documentação coligida em *Cuadernos de Pasado y Presente 39* (2. ed., México, Siglo XXI, 1976), que recolhe, entre outros, os ensaios seminais de Cesare Luporini (“Dialéctica marxista e historicismo”) e de Emilio Sereni (“La categoría de formación económico-social”).

<sup>35</sup> Florestan Fernandes, *Marx, Engels, Lênin: a história em processo* (São Paulo, Expressão Popular, 2012), p. 252. A assertiva de Florestan é correta, desde que não seja absolutizada (procedimento que nosso querido e saudoso mestre não adota), tomando *toda* a atividade de Lênin como *diretamente* posta a serviço de sua política. O credo pobremente pragmático embutido na frase atribuída a Napoleão – *On s'engage et puis on voit* [Nós nos comprometemos e depois vemos] – e referida uma vez pelo próprio Lênin (ver seu breve texto, de maio de 1923, “Sobre a nossa revolução”, em *Obras escolhidas em três tomos*, t. 3, cit., p. 663-5), não pode ser atribuído ao líder da Revolução de Outubro.

populismo quanto a necessária fundamentação para a tese leniniana segundo a qual, também na Rússia, o sujeito revolucionário por excelência era o proletariado. Recorro à formulação de Florestan: a “motivação” de Lênin para elaborar o *Desenvolvimento* era a crítica às concepções populistas e seu “alvo” era a demonstração de que se gestava na realidade russa uma massa proletária capaz de se organizar (mediante um instrumento partidário até então ali inexistente) e protagonizar um processo revolucionário. A emersão do proletariado russo, objetivamente em curso, haveria de viabilizar a vontade político-revolucionária a ser encarnada no *partido político de novo tipo* a construir-se na Rússia. Nesse sentido, o *Desenvolvimento* é a fundamentação teórico-econômica do projeto partidário que Lênin apresentaria, em 1902, em *O que fazer?*<sup>\*</sup>. Vê-se: a *unidade* do pensamento de Lênin, articulando brilhantemente teoria e prática, é real e concreta<sup>36</sup>.

Isso posto, passo à estrutura textual do *Desenvolvimento*. A obra se abre com uma breve e contundente introdução teórica (capítulo I), que explicita o problema central da investigação leniniana: o processo de formação de um mercado interno para o capitalismo. Criticando os equívocos da teoria da acumulação assumida pelos populistas, a partir de uma interpretação estrita dos célebres esquemas de reprodução do Livro II de *O capital*, Lênin esclarece que a questão do mercado interno só pode ser legitimamente colocada no interior do problema global do desenvolvimento capitalista – de fato, o nível de desenvolvimento do mercado interno corresponde ao nível de desenvolvimento do capitalismo no país. Lênin, pois, situa a questão num plano bem diverso daquele em que a punham os populistas: ela não se vincula diretamente à capacidade de consumo das massas; o que é decisivo é o grau do consumo produtivo, da demanda de meios de produção. A análise leniniana, portanto, faz com que o esclarecimento da questão do mercado interno dependa da clarificação dos aspectos mais significativos da economia nacional como um todo.

\* Vladimir I. Lênin, *O que fazer?* (trad. Paula Vaz de Almeida e Edições Avante!, São Paulo, Boitempo, 2020). (N. E.)

<sup>36</sup> Como o destacou György Lukács em seu *Lênin*, cit.

A economia rural camponesa constitui o foco da atenção do capítulo II do *Desenvolvimento*. O exaustivo estudo das relações econômico-sociais nela ocorrentes conduz à conclusão de que a comunidade camponesa (*obschina*) – igualitária e homogênea, tal como a visualizavam os populistas – desintegrou-se, dando origem a três segmentos nitidamente diferenciados e com interesses conflitantes: os camponeses ricos (que vão compor a burguesia rural), o campesinato médio e os camponeses pobres (que vão formar o proletariado rural). Essa desintegração, que põe fim à natureza do estatuto de casta do campesinato, é um processo determinado pela transformação das relações agrárias na direção do capitalismo: a “comunidade” camponesa está permeada por contradições inerentes à economia mercantil e capitalista. A funcionalidade dos segmentos emergentes daquela desintegração em face do mercado *fomenta* (ao contrário do que pensavam os populistas) diferencialmente o desenvolvimento do capitalismo, na mesma medida em que é variável de sua expansão.

O estudo da economia rural russa, todavia, não se esgota com a análise do campesinato; implica, ainda, a pesquisa da propriedade fundiária privada (*bárschina*). Essencialmente, ao centrar a atenção nas relações de trabalho que se articulam na economia do latifúndio (capítulo III), Lênin realiza uma importantíssima investigação sobre uma forma particular de transição do feudalismo para o capitalismo<sup>37</sup>. Ressaltando o caráter combinado e heteróclito da economia agrícola privada, a operação leniniana desvela as incidências do salariado na conformação de uma estrutura social adequada à dinâmica capitalista.

Configurado assim o mapeamento do conjunto da economia agrária russa, Lênin passa ao exame (capítulo IV) da mercantilização das atividades agrícolas. O processo de desenvolvimento da agricultura (incluída aí a pecuária) comercial – que cria um mercado interno para o capitalismo – evidencia, sob todos os aspectos, a natureza iniludível e progressista da

<sup>37</sup> A relevância de uma investigação como esta é tanto mais perceptível quanto, atualmente, a ciência histórica toma consciência da necessidade de revisar os esquemas teóricos que têm procurado apreender as modalidades daquela transição.

evolução capitalista (essa natureza, como Lênin destaca repetidas vezes, é medularmente contraditória).

Verificada a penetração do capitalismo na agricultura, com o registro de suas consequências mais importantes, o interesse de Lênin, nos três capítulos seguintes, desloca-se para as atividades industriais; aí, sua pesquisa procura estabelecer as fases evolutivas do capitalismo na indústria russa, até o ponto de enformá-la decisivamente. Na primeira fase (capítulo V), Lênin analisa como o capitalismo atravessa a antiga indústria doméstica e artesanal, impregnando-a com um conteúdo transicional, com a passagem – por intervenção do capital comercial (e usurário), representado pelo atacadista – do artesão para o regime do salariado. A seguir, o papel da manufatura é dissecado (capítulo VI): Lênin, depois de precisar o conceito, assinala as formas pelas quais se consolida na Rússia a manufatura capitalista, que, associada ao trabalho em domicílio, funciona como preliminar indispensável e histórica para a emergência da grande indústria mecanizada. Esta, que vai assegurar o ordenamento capitalista da economia e fundar a conclusiva separação entre a agricultura e a indústria, é minuciosamente examinada (capítulo VII), num espectro analítico que vai de suas peculiaridades sociais a suas características técnicas.

Só então (capítulo VIII) Lênin retorna ao problema colocado em sua introdução teórica – o processo de formação do mercado interno para o capitalismo. Agora, totalizando suas investigações setoriais (elas mesmas realizadas segundo uma óptica que levava em conta seu espaço próprio no complexo econômico-social) num quadro estrutural de conjunto que organiza, de acordo com sua lógica imanente, as determinações centrais e particulares da economia, da sociedade e da cultura russas, Lênin pode concluir com a apreensão reflexiva, mas concreta, do movimento geral da expansão capitalista na Rússia e de suas incidências mais cruciais (a proletarianização maciça, a mobilidade da força de trabalho, a urbanização etc.).

É nas enxutas páginas da seção final (“A missão do capitalismo”) desse último capítulo do *Desenvolvimento* que Lênin sumaria com brilhantismo sua polêmica contra o populismo e afirma expressamente que a admissão do caráter progressista do capitalismo na Rússia, sem nenhuma cedência a

qualquer hipótese de apologia do mesmo, “é perfeitamente compatível [...] com o pleno reconhecimento dos aspectos negativos, sombrios do capitalismo, com o pleno reconhecimento das profundas e multifacetadas contradições sociais que são inevitavelmente próprias do capitalismo e revelam o caráter historicamente transitório desse regime econômico”<sup>38</sup>.

### O DESENVOLVIMENTO, UMA OBRA CLÁSSICA

O livro que Lênin elaborou em seu desterro siberiano, projetado já antes de seu deslocamento para Chúchenskoie<sup>39</sup>, foi assim considerado por um dos mais respeitados historiadores do marxismo:

[A obra] apresenta não só a mais profunda análise do desenvolvimento do capitalismo russo e a definitiva refutação das ilusões populistas de Vorontsov, Kárychev, Danielson etc., mas, ainda, permite ao próprio Lênin examinar, *melhor que todos os outros marxistas*, o movimento real da sociedade russa e sua estrutura – do que resultam suas lúcidas avaliações das diversas situações históricas concretas.<sup>40</sup>

Julgo que essa avaliação, de Predrag Vranicki (1922-2002), é inteiramente justa e parece-me apenas necessário precisá-la e sondá-la um pouco mais.

As duas operações analíticas levadas a cabo por Lênin – a crítica ao populismo e a investigação rigorosa da realidade econômico-social russa – são, no *Desenvolvimento*, concomitantes e articuladas. Não é casual que o livro

<sup>38</sup> Ver, neste volume, p. 597.

<sup>39</sup> Em carta à família, datada de 2 de janeiro de 1896, em que pede remessa de livros e revistas, Lênin escreve: “Tenho um projeto que, já antes da minha prisão, me atraía muito. Desde algum tempo, preocupo-me com um problema econômico (a venda, no interior do país, das mercadorias produzidas pela indústria); reuni bibliografia, esbocei o plano do trabalho e cheguei a redigir algo do que, se não tomar as dimensões de um livro, publicarei numa revista. Não quero abandonar esse projeto e, agora, sou obrigado a optar: ou escrevo aqui mesmo ou renuncio a ele” (ver Vladimir I. Lênin, *Collected Works*, v. 37, cit., p. 82).

<sup>40</sup> Predrag Vranicki, *Storia del marxismo*, v. 1, cit., p. 413; itálicos meus. O apreço do próprio Lênin ao *Desenvolvimento* parece evidente: num exemplar da segunda edição do livro ele fez anotações autógrafas, provavelmente de 1910 ou 1911, que atestam seu cuidado na atualização de dados e na elaboração de novas classificações.

só contenha uma pequena introdução teórica, no mais breve de seus capítulos: a base da crítica, arrancando de umas poucas determinações teóricas, amplia-se e se consolida com a/na análise do processo histórico-social real. Com efeito, se o interlocutor é o populismo, se as balizas teórico-metodológicas gerais são extraídas de *O capital*, se os temas são as incidências do capitalismo emergente na economia agrícola (camponesa e latifundiária) e na esfera do comércio e da indústria da Rússia, *o objeto real é uma totalidade histórico-social, uma formação econômico-social determinada* – a Rússia posterior à reforma de 1861. A dinâmica interna própria do movimento do objeto é reproduzida (se se quiser, refletida) idealmente no movimento apreendido pelo sujeito que o pesquisa – *com o sujeito conduzindo-se com a máxima fidelidade possível ao movimento do objeto*.

É preciso dizê-lo da maneira mais clara e direta: o grande significado teórico do *Desenvolvimento* transcende a pletera de informações históricas, econômicas, sociais, culturais etc. que oferece acerca da evolução do capitalismo na Rússia. Nesta obra, a mais “russa” de todas as produzidas por Lênin – e, consideradas sua idade e as condições sob as quais a redigiu<sup>41</sup>, verdadeiro *tour de force* para um intelectual que não completara trinta anos –, encontramos um *procedimento metodológico* exemplar: *o processo cognitivo, operado por um sujeito qualificado teoricamente* (mesmo que ainda jovem), é comandado pelas exigências postas pela irredutível objetividade do objeto. Um procedimento que não consiste em “aplicar” um método (no caso, aquele elaborado por Marx) na análise de uma dada realidade (no caso, a Rússia pós-1861)<sup>42</sup>. Antes, o procedimento leniniano consiste, *a partir* do conhecimento/domínio desse método, em perscrutar a realidade de modo tal que sua particularidade não resulte subsumida ao reducionismo de que geralmente enfermam as instâncias formais teórico-metodológicas. Daí a

<sup>41</sup> Na aldeia siberiana, inexistiam biblioteca e documentação necessárias e adequadas para o trabalho de Lênin. Porém, os correios funcionavam com alguma eficiência: a correspondência leniniana da época mostra o quanto ele ocupou familiares e amigos nas tarefas de enviar-lhe livros, revistas, documentos oficiais e levantamentos estatísticos.

<sup>42</sup> Gruppi, no seu sugestivo *O pensamento de Lênin* (cit., cap. I), tece interessantes observações sobre esse aspecto da elaboração leniniana.

*originalidade* do procedimento de Lênin no trato da realidade russa: o aparato metodológico não retorna, de seu mergulho na particularidade histórica, idêntico a si mesmo – amplia-se, enriquece-se com novas determinações. Em suma: a análise processada por Lênin no *Desenvolvimento* é rigorosamente *dialética*<sup>43</sup>.

Na mais “russa” das obras de Lênin, o signatário desta “Apresentação” identifica um traço decisivo da universalidade do pensamento leniniano, universalidade que se encontra em seu caráter de exemplar e clássica, no interior da tradição marxista, reconstrução teórica do movimento real da formação econômico-social cujas especificidade e totalidade são garantidas e repostas no interior mesmo das próprias categorias que a refletem. Este é o valor maior e duradouro do *Desenvolvimento*: a efetiva comprovação de que, em face da irredutível particularidade que constitui toda formação econômico-social, o preciso método de pesquisa se recria no confronto com a empiria, cuja aparente e imediata opacidade é dissolvida e superada na correta apreensão de sua essência movente.

Recreio dos Bandeirantes, RJ,  
7 de novembro de 2023

<sup>43</sup> Recordem-se, a propósito, as seguintes palavras de Goldmann: “A categoria da *totalidade*, que está no centro mesmo do pensamento dialético, proíbe uma separação rigorosa entre a reflexão sobre o método e a investigação concreta, que são as duas faces de uma mesma moeda. De fato, parece certo que o método só se encontra na própria investigação e que esta somente pode ser válida e frutífera na medida em que toma progressivamente consciência da natureza de seu próprio avanço e das condições que lhe permitem progredir” (Lucien Goldmann, prefácio a *El hombre y lo absoluto: el dios oculto*, Barcelona, Península, 1985, p. 7).

Relevante será investigar minuciosamente como o Lênin do *Desenvolvimento*, ainda teoricamente distante de um inteiro domínio *filosófico* da dialética – que só alcançará com seus estudos de Hegel, entre setembro e dezembro de 1914, quando de seu exílio suíço (ver Vladímir I. Lênin, *Cadernos filosóficos*, trad. José Paulo Netto, São Paulo, Boitempo, 2018) –, foi capaz de operar em 1899 um tratamento rigorosamente crítico, materialista e dialético da Rússia pós-reforma de 1861.